



NEGROS NO DISCURSO DA REVISTA *VEJA*.

BLACK PEOPLE IN THE DISCOURSE OF *VEJA* MAGAZINE.

Luiz Carlos de Oliveira¹

RESUMO: No artigo são apresentados alguns possíveis efeitos de sentidos que emanam de uma matéria da revista *Veja* a respeito das relações raciais. As discussões propostas estão pautadas na teoria da análise de discurso francesa. Através da seleção de algumas sequências discursivas, pretende-se apresentar o modo como a revista constrói o seu discurso em relação ao preconceito racial. Apesar de elencar as dificuldades enfrentadas pela população negra na atualidade, a revista não apresenta causas específicas para a disparidade racial. Questões históricas como a escravidão e a falta de políticas públicas para a inserção do negro após a abolição da escravidão não são discutidas pela matéria. Sem essas informações, ao se efetuar o questionamento de “por que os negros estão nas classes sociais mais pobres?”, chega-se possivelmente a uma resposta que responsabilize os indivíduos ou o grupo a que pertencem por sua situação desfavorável. Segundo esse discurso, à primeira vista não existem antecedentes históricos que diferenciem negros e brancos. A todo o momento há a negação da existência de diferenças raciais entre negros e brancos pautadas no quesito cor/raça, porém a matéria quase fica sem opção, pois também não pode fazer recair a responsabilidade dessa problemática sobre o modo como se organiza e se estrutura o mercado de trabalho, pautado em um sistema ideológico ao qual a revista pertence e que ela defende.

PALAVRAS-CHAVE: Negros. Preconceito racial. Discurso.

ABSTRACT: In this article we shall present some of the possible effects caused by the meaning of an article published in the Brazilian magazine *Veja* about racial relations. The discussions will be guided by French discourse analysis theory. By selecting some discursive sequences, we intend to show how the magazine constructs its discourse on racial prejudice. Despite citing difficulties faced by contemporary black people in Brazil, the magazine does not present specific causes for racial disparity. Historical questions such as slavery are not discussed in the article. Without that information, when questioned, “Why are black people in the poorer classes?”, one will probably arrive at an answer that blames the individuals or the group they belong to for their unfavorable situation - because, at first sight, there is no historical antecedent that differentiates blacks and whites. At every moment there is the denial of the existence of racial differences between black and white people based on criteria of color/race, but the article runs out of explanations because it

¹ Graduado em História. Mestrando em Letras (concentração em linguagem e sociedade) na UNIOESTE, campus Cascavel. Email: naosoueuismo@gmail.com



cannot blame the mode of organization and the structure of the labor market, since the magazine's editorial line is ideologically committed to a defense of the free market.

KEYWORDS: Black people. Racial prejudice. Discourse.

1 INTRODUÇÃO

A mídia tem desempenhado primordial papel na sociedade contemporânea, por isso também tem sido alvo de pesquisas que partem das mais diversas áreas do conhecimento. Tal fato pode ser percebido ainda mais quando o foco são as matérias jornalísticas que, enquanto processo de comunicação, não podem ser entendidas como simples transmissão de informações. Nenhuma palavra é inocente!

Parto para uma análise discursiva de matérias jornalísticas apoiado na teoria da análise do discurso – doravante AD – francesa, que permite entender o discurso enquanto “lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos” (ORLANDI, 2007, p. 17). Pretendo, a partir do *corpus*/foco de análise, apresentar alguns efeitos de sentidos que surgem em uma determinada matéria da revista *Veja* ao retratar as dificuldades encontradas por pessoas negras para se inserirem de maneira igualitária no mercado de trabalho e na sociedade brasileira, e que apresenta, também, a questão das políticas afirmativas.

2 Afinal, “Onde estão os negros?”

Inicio citando dois exemplos que possibilitam refletir sobre alguns discursos que ocorrem em relação ao negro. A partir deles é possível perceber como certos efeitos de sentido são (re)produzidos cotidianamente.

Exemplo 1: Relato de Edson Santos – negro –, Ministro da Igualdade Racial (SEPPPIR), ao portal G1:



G1 - O senhor poderia contar algum caso?

Edson Santos - Teve um que é de despreparo. Teve um que uma pessoa dentro do avião perguntou se éramos americanos, se falávamos inglês. Disse que não, que éramos brasileiros. Alguém disse: 'ele é ministro'. Daí a pessoa perguntou: 'de qual igreja'. E também quando era vereador, um funcionário de um prédio público falou que não era para entrar no elevador de autoridades.

Exemplo 2: Uma situação relatada por uma colega de pós-graduação – professora de língua portuguesa –, que, ao pedir aos alunos que trouxessem recortes de revistas que retratassem pessoas negras para a próxima aula, já que se aproximava o dia 20 de novembro – dia da consciência negra – foi indagada se as imagens deveriam ser sobre a escravidão. A professora respondeu que não, que as imagens deveriam ser da atualidade. A indagação, desta vez, foi se as imagens poderiam ser sobre pessoas que passam fome.

Esses dois exemplos ilustram como alguns sentidos estão impregnados no imaginário dos indivíduos. Nesse imaginário, a relação entre pessoas negras e escravidão, subalternidade, miséria, ou seja, conceitos negativos, é “óbvia”. A partir disso, cabe indagar: – Quais os efeitos de sentidos que emanam em um determinado discurso quando aborda o negro ou as relações raciais, uma vez que a linguagem, como já foi afirmado, está estreitamente ligada à ideologia e ao imaginário social?

Segundo Maingueneau (1998, p. 13-14), sobre a análise do discurso (AD) francesa se constroem as mais variadas definições. Assim, ao o presente estudo se pautar nos conceitos teóricos da AD, , utilizarei a perspectiva que considera que a ela

[...] se constitui no interior das conseqüências teóricas estabelecidas por três rupturas que estabelecem três novos campos de saber: a que institui a lingüística, a que constitui a psicanálise e a que constitui o marxismo. Com a lingüística ficamos sabendo **que a língua não é transparente; ela tem sua ordem marcada por uma materialidade que lhe é própria**. Com o marxismo ficamos sabendo que a história tem sua materialidade: **o homem faz a história, mas ela não lhe é transparente** [...] com a psicanálise é o **sujeito que se coloca como tendo sua opacidade** (ORLANDI, 2006, p. 13)².

Destarte, é

² Grifos meus.



[...] preferível especificar a *análise do discurso* como a disciplina que, em vez de proceder a uma análise lingüística do texto em si ou a uma análise sociológica ou psicológica do seu ‘contexto’, visa articular sua enunciação sobre um certo lugar social. (MAINGUENEAU, 1998, p. 13)³.

Nessa perspectiva, a língua não é considerada neutra, objetiva, mas enunciativa de sentidos, na medida em que dá materialidade ao discurso. Então cabe questionar: – O que é discurso? Em AD, o discurso é mais que a simples transmissão de informação, de mensagem, na realidade é efeito de sentidos entre interlocutores (PÊCHEUX apud ORLANDI, 2006, p. 14). Como os sujeitos estão falando, formulando seu dizer a partir de “lugares” que ocupam, a partir de suas memórias discursivas – interdiscurso⁴ –, de suas histórias, o discurso sempre estará carregado de sentidos.

O discurso, desse modo, é marcado por fatores externos à língua. Essa exterioridade, que é denominada, em AD, de condições de produção, leva em consideração o sujeito do discurso e a situação, o seu meio histórico-social. As condições de produção do discurso se relacionam às inúmeras formações discursivas (FD) que, por sua vez, vão ditar o que pode e deve ser dito. Dessa maneira,

As formações discursivas são a projeção, na linguagem, das formações ideológicas. As palavras, expressões, proposições adquirem seu sentido em referência às posições dos que as empregam, isto é, em referência às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem. (ORLANDI, 2006, p. 17).

FDs distintas produzem diferentes efeitos de sentidos. Assim, o sujeito não está construindo um discurso próprio⁵ ou novo, mas (re)produzindo sentidos – interpelado pela ideologia – já existentes ou “disponíveis” dentro das formações discursivas a que pertence e

³ Grifos do autor.

⁴ O interdiscurso “[...] se inscreve no nível da constituição do discurso, na medida em que trabalha com a re-significação do **sujeito** sobre o que já foi dito, o repetível, determinando os deslocamentos promovidos pelo sujeito nas fronteiras de uma formação discursiva” (FERREIRA, 2001, p. 18, grifo da autora).

⁵ Em AD, há o conceito de esquecimento, onde “Pelo esquecimento número 1 é que [o sujeito] tem a ilusão de ser a origem do que diz [...] O esquecimento número 2 é da ordem da formulação. O sujeito esquece que há outros sentidos possíveis” (ORLANDI, 2006, p. 21, grifo nosso). Neste último, o indivíduo acredita que só pode enunciar aquilo e não outra coisa.



que, por sua vez, (re)produzem sentidos das formações ideológicas. O sujeito parte do entendimento de que os sentidos estão nas palavras em si, que a linguagem é opaca. Essa ocultação ocorre devido ao fato de que:

Toda formação discursiva **dissimula**, pela transparência do sentido que nela se constitui, sua dependência com respeito ao “todo complexo com dominante” das formações discursivas, intrincado no complexo das formações ideológicas [...]⁶. (PÊCHEUX, 2009, p. 148-9).

O conceito de FD não pode ser entendido como algo estritamente homogêneo e perene, pelo contrário, a heterogeneidade e a contradição são algumas de suas marcas. Porém,

Sempre que se puder descrever, entre um certo número de **enunciados**, semelhante sistema de dispersão e se puder definir uma regularidade (uma ordem, **correlações**, **posições**, **funcionamentos**, **transformações**) entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, **as escolhas temáticas**, teremos uma formação discursiva⁷ (FOUCAULT, 1986, p. 43).

Neste processo:

A ideologia representa a saturação, o efeito de completude que, por sua vez, produz o efeito de “evidência”, sustentando-se sobre o já-dito, os sentidos institucionalizados, admitidos por todos como “naturais”. Pela ideologia há transposição de certas formas materiais em outras, isto é, há simulação. Assim, **na ideologia não há ocultação de sentidos mas apagamento do processo de sua constituição**⁸ (ORLANDI, 2006, p. 25).

Cotidianamente o sujeito está “interpretando” e, no processo de “interpretação”, não há como o sujeito se desvincular do sistema ideológico ao qual pertence. Dessa

⁶ Grifo meu.

⁷ Grifos meus.

⁸ Grifo meu.



maneira, a linguagem está entre reproduzir o já-dito ou se deslocar para a possibilidade do novo, para a ruptura⁹.

A AD, nesse caso, se constitui referencial que dá suporte às análises que necessitem ser feitas, pois, para o analista que utiliza essa teoria, não se trata de “[...] trabalhar a historicidade refletida no texto, mas a historicidade do texto, isto é, **trata-se de compreender como a matéria textual produz sentidos**¹⁰” (ORLANDI, 2006, p. 23). Assim, portanto, posso buscar, através de uma determinada matéria jornalística, compreender os efeitos sentidos (re)produzidos através da revista *Veja*.

A matéria que elegi para análise foi publicada na edição 1780 – ano de 2002 – da revista *Veja*, na sessão “População”, com o título: “Onde estão os negros?”, páginas 56 e 57, escrita por Ricardo Mendonça. Nessa matéria são apresentados os resultados de um estudo a respeito da diferença salarial entre brancos e negros realizado pelo Dieese¹¹ e pela Fundação Seade¹². Segundo esse estudo, os brancos recebiam quase o dobro de salário dos negros, respectivamente, R\$ 760,00 e R\$ 400,00, em média. Além disso, há, na matéria, uma foto de alunos em sala de aula de uma universidade, na qual é feita referência no texto, apresentando a pouca ou nenhuma presença de pessoas negras. É apresentada uma relação direta entre o baixo salário dos negros e a falta de escolarização; e a pouca escolarização é relacionada ao fato de as pessoas dessa etnia não terem salários que possibilitem dedicar-se o suficiente aos estudos – surgindo um círculo vicioso, um problema sem uma origem específica. São pobres porque estudam menos. Estudam menos porque são pobres. As políticas afirmativas são apresentadas como uma saída defendida por especialistas. Essa iniciativa parece ter funcionado nos Estados Unidos, porém também parece ter dado margem para a disputa racial entre negros e brancos.

⁹ A paráfrase e a polissemia são outros dois conceitos da AD, onde a paráfrase recai sobre o fato de o sujeito recuperar um dizer já cristalizado e o reformular, porém, sem descaracterizar seu significado. Já com a polissemia há a possibilidade do deslocamento de sentidos; os processos polissêmicos são os “[...] que garantem que um mesmo objeto simbólico passe por diferentes processos de re-significação” (FERREIRA, 2001, p. 21).

¹⁰ Grifo meu.

¹¹ Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos.

¹² Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados – Estado de São Paulo.



Inicialmente, ao demonstrar a disparidade entre salários recebidos por trabalhadores negros e brancos, a matéria afirma que:

SD1¹³. Apresentados dessa forma, os números apontam para **uma idéia equivocada e simplista** de que os patrões estão contratando brancos e negros para postos de igual responsabilidade, mas, num **ato preconceituoso**, decidem dar aos brancos um salário mais alto e aos negros vencimentos mais modestos. **Isto não acontece**. Se estivesse ocorrendo, **o problema racial no Brasil até poderia ser enfrentado na delegacia de polícia ou na justiça**¹⁴.

Há o apontamento para um equívoco e a negação da existência de preconceito racial, apesar de haver grande diferença salarial entre negros e brancos. A construção da SD está pautada na negativa – “Isto não acontece”. Ocorre, porém, que outro discurso fica evidenciado através dessa negação, ou seja, que há (pode haver) indivíduos ou instituições que acreditam serem os números apresentados pelo estudo uma prova da existência do preconceito racial. Assim, portanto, um discurso contrário é parafraseado, isso para ser posteriormente rechaçado. O certo é que nenhum discurso se constitui por si só, pois necessita e parte do que já está disposto, da memória discursiva disponível em uma determinada FD e das confrontações desta com discursos provenientes de outras FDs. Assim, “Toda palavra é sempre parte de um discurso. E todo discurso se delinea na relação com outros: dizeres presentes e dizeres que se alojam na memória” (ORLANDI, 2007, p. 43).

Quando a revista afirma que os dados apresentados não podem ser compreendidos enquanto a comprovação da existência do preconceito racial, ela está enunciando de uma determinada posição histórico-social e a partir de uma FD que, por sua vez, “regionaliza”, traz à tona, certos sentidos do interdiscurso, de tudo que já foi pronunciado quando o tema é preconceito ou questões raciais no Brasil.

O discurso de que há preconceito ou seu inverso, ou seja, o discurso de que não há preconceito racial, ambos estão conectados a posições dadas sócio-historicamente.

¹³ Dispus o *corpus* em forma de sequências discursivas (SDs), conforme Courtine (apud MAINGUENEAU, 1998, p. 128).

¹⁴ Grifos meus.



Àquele está marcado e preso à resistência do povo negro desde a escravidão e este, ao conceito de democracia racial, proferido desde a primeira metade do século passado (1930). O conceito de democracia racial “[...] destaca a dimensão positiva da mestiçagem no Brasil e afirma a unidade do povo brasileiro como produto das diferentes raças e cuja convivência harmônica permitiu ao país escapar dos problemas raciais observados em outros países” (JACCOUD, 2008, p. 51).

A ideia de democracia racial tornou-se hegemônica durante décadas. Segundo essa visão, o desenvolvimento econômico do país pode diminuir a grande disparidade social e, no campo das diferenças raciais, que os negros são menos preparados para enfrentar as necessidades do mercado de trabalho moderno. Assim, com o desenvolvimento econômico, com o preparo da população para o mercado de trabalho mais dinâmico, com uma melhor distribuição de renda, não poderiam existir grandes disparidades raciais, que são interpretadas pela ótica da pobreza e pelo pouco desenvolvimento nacional. Gilberto Freyre – principal responsável pela difusão do conceito de democracia racial –, ao discutir questões relacionadas à escravidão, afirma que:

Na realidade nem o branco nem o negro agiram por si, **muito menos como raça**, ou sob a ação preponderante do clima, nas relações do sexo e de classe que se desenvolveram entre senhores e escravos no Brasil. Exprime-se, nessas relações, **o espírito do sistema econômico**¹⁵ que nos dividiu, como um deus poderoso, em senhores e escravos¹⁶ (FREYRE, 2001, p. 430-431).

Há, no discurso da revista, a presença desse componente, que relega às questões socioeconômicas a disparidade racial existente na sociedade brasileira. As SDs seguintes permitirão continuar a discussão nessa linha:

SD2. **Esse grupo não é uma exceção**, e os alunos selecionados para o curso foram **escolhidos por vestibular** – não em entrevistas pessoais, que poderiam dar margem a **práticas discriminatórias**. **Os negros não apareceram na fotografia** simplesmente porque **não conseguiram**

¹⁵ Grifos meus.

¹⁶ Ainda, segundo Freyre, o “Resultado da ação persistente desse sadismo, de conquistador sobre conquistado, de senhor sobre escravo, parece-nos o fato, ligado naturalmente à **circunstância econômica** da nossa formação patriarcal [...]” (FREYRE, 2001, p. 122, grifo meu).



chegar à universidade. Por razões diversas, a maioria deles ficou no caminho.

SD3. Negros e brancos recebem **salários diferentes porque não ocupam os mesmos postos de trabalho - nem estão habilitados a fazê-lo. A máquina** que produz a **fissão social** separa as raças aos poucos, e de forma cirúrgica.

SD4. Trata-se de um **círculo vicioso difícil de ser rompido**. Como são mais pobres, os negros estudam menos. Como estudam menos, eles permanecem na pobreza¹⁷.

Ao comentar a foto que ilustra a matéria, na SD2 há a afirmação de que a não presença dos negros nas salas das universidades – “Esse grupo não é uma exceção” –, por um lado, comprova que os negros não estão tendo acesso à educação – porque são pobres –, mas que, por haver uma seleção pautada em métodos objetivos e não pessoais, não pode haver qualquer tipo de discriminação, assim os negros não estão presentes na fotografia “[...] simplesmente porque **não conseguiram chegar à universidade. Por razões diversas** ¹⁸ [...]”. Nesta SD novamente há o reforço da negativa de que o fato de pessoas negras não estarem inseridas socialmente dê margem para a confirmação da existência do preconceito; também, ao apresentar uma foto de uma sala de aula, reforça a tese de que a falta de estudo leva a pobreza por não permitir a ascensão social. Em AD, a **paráfrase** representa este constante (re)dizer. Termos diferentes são utilizados constantemente para enunciar o mesmo. O efeito de sentido não é transformado, permanece estável. Assim, a paráfrase possibilita que a enunciação ocorra de maneira diversa, porém, construindo sempre o mesmo efeito de sentido, ou seja, de que, na realidade, há aspectos econômicos e sociais que não permitem a negros e a brancos terem as mesmas condições. Apesar de apontar para a importância dos fatores socioeconômicos, não é feita nenhuma crítica ao modelo econômico vigente. Qualquer solução deve ser alcançada dentro desse modelo.

Nas SD3 e SD4 as construções em forma de paráfrase permanecem sustentando o discurso, porém cabe ressaltar outro fator que parece também orientar os efeitos de sentidos: a busca da origem para o problema acaba sempre sem uma definição clara. Na

¹⁷ Grifos meus.

¹⁸ Grifo meu.



SD2 afirma-se que “**Por razões diversas**, a maioria deles [negros] ficou no caminho”. Na SD3, a questão é relegada a uma “[...] **máquina** que produz a **fissão social** [e] separa as raças aos poucos [...]”. Já na SD4, a matéria aponta para “[...] um **círculo vicioso difícil de ser rompido**”. Se a matéria não identifica a causa do problema apontado como sendo o responsável pela grande diferença entre negros e brancos, por outro, alguns termos em relação ao negro permitem pensar em dois direcionamentos, a seguir explicitados.

I. Apesar de serem elencadas as dificuldades enfrentadas pela população negra e apesar da impossibilidade de se apresentarem causas específicas para disparidade racial, questões históricas como a escravidão e/ou falta de políticas públicas para a inserção do negro após a abolição não são discutidas. Sem essas informações e discussões, ao se efetuar o questionamento de “por que os negros estão nas classes sociais mais pobres?”, chega-se, possivelmente, a uma resposta que responsabilize os indivíduos ou o grupo a que pertencem por sua situação desfavorável – pois, à primeira vista, não existem antecedentes históricos que diferenciem negros e brancos.

Tal fato parece bem perceptível através de alguns fragmentos das SDs apresentadas acima: “**não conseguiram** chegar à universidade”, “[...] recebem **salários diferentes** porque não ocupam os mesmos postos de trabalho - **nem estão habilitados a fazê-lo**”, “Como **estudam menos**, eles **permanecem** na pobreza”. Pode-se fazer uma relação com um discurso oposto e que não é enunciado. Pode-se, portanto, dispor o posto e o oposto da seguinte forma:

Negros (enunciação, discurso negativo)	Branco (não enunciado, discurso positivo)
Não conseguem	Conseguem
Salários diferentes (menores)	Salários melhores
Não ocupam os mesmos postos de trabalho	Ocupam os melhores postos de trabalho



Não estão habilitados	Estão habilitados
Estudam menos	Estudam mais
Permanecem pobres	Ascendem socialmente

Em todos os aspectos o negro está em posição negativa em relação ao branco. Como foi dito em outro momento, a forma como o discurso é construído, sem apresentar aspectos histórico-sociais, causas ou origens para as questões discutidas pela matéria, deixa margem para se inferir que a responsabilidade pela inferioridade socioeconômica cabe aos próprios negros.

II. Seguindo essa linha, além da presença do discurso em relação às questões especificamente raciais, está-se referindo ao mercado de trabalho. Ali, no mercado de trabalho, uma gama de sentidos – em relação ao trabalho – pode ser captada, do interdiscurso, pelo discurso da revista, a partir do seu posicionamento ideológico. Assim, a dificuldade de a matéria apresentar a origem para o problema apontado, já que nega ser o preconceito racial uma dessas causas, está no fato de que, ao se apresentar uma origem, esta pode levar à crítica à maneira como as relações de trabalho e sociais ocorrem e, invariavelmente, a todo o sistema econômico vigente. Ao analisar como se dá o discurso da *Veja* em relação ao tema, Hernandez (2006) afirma que:

A revista quer sempre que o trabalhador interprete o próprio desemprego **não como um problema inerente ao capitalismo**, à falta de planejamento, à corrupção [...] *Veja* quer que o leitor entenda a questão como de **ordem pessoal**: ele deve ver a situação **como produto de sua própria falta de qualificação para o mercado de trabalho**, enxergar-se como incompetente¹⁹. (HERNANDEZ, 2006, p. 20).

O discurso parece não se fechar – e poderia? A todo momento há a negação da existência de diferenças raciais entre negros e brancos pautadas no quesito cor/raça, porém a matéria quase fica sem opção, pois não pode fazer recair a responsabilidade dessa

¹⁹ Grifos meus.



problemática sobre o modo como se organiza o mercado de trabalho, pautado em um sistema ideológico ao qual a revista pertence e que ela defende, ou seja, o capitalismo neoliberal. Novamente, parece restar apenas o indivíduo negro como único culpado por sua falta de preparo para entrar no mercado de trabalho e receber um salário no mesmo padrão que os caucasianos, parece restar apenas ao negro a responsabilidade pela situação desvantajosa em que se encontra. Esse modo de perceber as relações raciais no mercado de trabalho e nas relações sociais como um todo não foge – não deve fugir – de conceitos basilares do capitalismo, conceitos que apontam para uma individualização, esta pautada no mérito pessoal e no empreendedorismo.

Uma hipótese que surge, a partir do até aqui exposto, consiste em que, quando há a negação da exclusão pautada cor/raça – também o silêncio em relação aos fatores históricos relacionados à população negra brasileira – e o fortalecimento da ideia de que as diferenças estão pautadas em questões socioeconômicas ou – como apontei – pessoais, nega-se de certo modo a constituição da identidade do “ser negro”, da luta por espaços, agora, sutilmente negados a essa etnia: “Se, ao falar, sempre afastamos sentidos não-desejados, para compreender um discurso devemos perguntar sistematicamente o que ele ‘cala’” (ORLANDI, 2007b, p. 152).

Na foto que ilustra a matéria há alunos de uma sala de aula de uma universidade, onde não é possível constatar a presença de pessoas negras. Como já foi afirmado acima, por um lado a foto seria a prova da disparidade racial e do pouco acesso de pessoas negras à educação. Devido, porém, ao debate que já vem ocorrendo desde o fim dos anos de 1990 a respeito das cotas raciais, sendo a discussão mais acirrada a respeito das *cotas raciais universitárias*, a revista não pode deixar de trazer certos aspectos que estão em debate nacional naquele momento, ou seja, as cotas universitárias para negros e pardos.

3 Considerações finais



Os apontamentos feitos neste texto correspondem a uma pequena amostra dentre uma gama enorme de possibilidades de análise. Assim, alguns conceitos da AD não foram enfocados, como também não inseri análises a respeito da política de cotas raciais que é discutida em parte da matéria da revista *Veja*.

O objetivo deste trabalho foi o de apresentar de qual forma o discurso em relação à existência do preconceito racial se dá em uma determinada matéria da *Veja* e alguns efeitos de sentidos que são produzidos. Pode-se perceber que o discurso da revista nega que haja o preconceito racial, porém reconhece a grande disparidade entre negros e brancos na sociedade brasileira. Por estar inserida em formações discursivas que controla o que pode e deve ser dito em relação ao preconceito racial, por outro lado, o que deve ser calado, o discurso fica sem caracterizar causas específicas para a grande diferença salarial entre negros e caucasianos, deixando a possibilidade de se inferir que a responsabilidade pela situação inferiorizada dos negros seria de responsabilidade desses mesmos negros.

Referências

- FERREIRA, Maria C. L. et. ali. **Glossário de termos do discurso**. Porto Alegre, RS: UFRGS, 2001.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala**. 43. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- HERNANDES, Nilton. **A mídia e seus truques**. São Paulo: Contexto, 2006.
- JACCOUD, Luciana. Racismo e República: o debate sobre o branqueamento e a discriminação racial no Brasil. In: THEODORO, Mário. **As políticas públicas e a desigualdade racial na Brasil: 120 anos após a abolição**. Brasília, DF: IPEA, 2008
- MAINGUENEAU, D. **Termos-chave da análise do discurso**. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 1998.
- ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 7. ed. São Paulo: Pontes, 2007a.



_____. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos.** 6. ed. São Paulo: Editora da Unicamp, 2007b.

_____; LAGAZZI-RODRIGUES, S. **Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade.** São Paulo: Pontes Editores, 2006.